

O EXÉRCITO VAI À RUA

Valesca Riviéri
Da equipe do Correio

As armas são um crachá, prancheta, uma colher e um saco de ve-

neno. O inimigo é um mosquito.

Mais de 500 voluntários das forças armadas e defesa civil iniciaram a campanha emergencial contra o *Aedes egypti*, o transmissor da dengue.

Eles começaram uma peregrinação nas casas do Distrito Federal. A falta de transporte comprometeu o sucesso do início da campanha em Santa Maria e Asa Sul, que teve que ser adiada para hoje.

O Guará, Setor de indústrias e Samambaia foram divididos em 34 zonas, onde 58 homens do Exército do Batalhão da Guarda Presidencial visitaram várias casas. Até o dia sete de abril, cada soldado terá que ter visitado 500 lares. A meta da primeira etapa é eliminar os ovos e as larvas do mosquito com a utilização do inseticida abate nas águas empoeçadas e vasos de plantas.

O maior empecilho para o trabalho dos voluntários é a ausência do dono da casa no momento da vistoria: a maioria está trabalhando e a única pessoa em casa são as empregadas domésticas. "As pessoas ficam desconfiadas porque não estão acostumadas a ver a gente trabalhando nas ruas", relata o soldado Fernando

Moreira Nascimento, 18 anos.

Ele diz que o veneno abate utilizado na água também assusta as pessoas. Nascimento explica que o produto não é tóxico se ingerido em pequenas quantidades. "Para matar as larvas estamos trabalhando com a proporção de um grama por dez litros de água", esclarece. Para deixar os moradores mais confiantes, o soldado se oferece para beber o abate misturado na água. A sugestão é recebida com um sorriso por todos, que sempre respondem com uma negativa.

A princípio, a empregada Ronilda Sertão Pereira, 20, que trabalha na QE 12, Guará I, ficou receosa com a presença do militar e disse que não tinha ninguém em casa. Depois de esclarecido o motivo da visita, ela abriu o portão e chamou a filha da dona da casa, Helene Cristina Fontenelle, 18.

Helene mostrou toda a casa e ajudou a detectar os focos. Como ela prestou o concurso para agente de saúde da secretaria, Nascimento se propôs a adiantar os "ossos do ofício" para a candidata. "Você terá que fazer a vistoria sempre acompanhada por alguém da casa. Todos os locais onde acumulam água devem ser vistoriados."

Já o aposentado Hipólito de Faria Filho, 67, não hesitou em abrir as portas de sua casa para o voluntário. "Eu já contrai ffc, que é igual a febre amarela, e quase morri", relata. No bueiro da casa, Nascimento encontrou larvas parecidas com as do *Aedes egypti*, que não puderam ser confirmadas porque a identificação só é possível com a utilização de um microscópio. Na dúvida: inseticida nelas.

Para a companheira de Ipólito, Adélia Luiza, a conscientização da população é fundamental para o sucesso da campanha. "Se nós não cooperarmos, só a fiscalização do governo não dá conta. A gente tem que ajudar sendo um fiscal constante dentro de casa", afirma.

Ronaldo de Oliveira



Todos os focos do mosquito foram verificados e borrifados com veneno pelos soldados e voluntários. A campanha continua até dia sete de abril